

## ENTREVISTA MÁRCIA MORAES

**Márcia Moraes** – *Qual tem sido sua maior aspiração como educador nos últimos tempos?*

**Moacir Gadotti** - Um dia, numa manhã chuvosa, depois de tomar um cafezinho na Padaria Leticia da Rua Cerro Corá, em São Paulo, a 200 metros do Instituto Paulo Freire, eu estava voltado ao prédio do IPF. Estava pensando no *Fórum Social Mundial*, pensando no seu lema: “um outro mundo é possível”. Várias dúvidas me assaltavam. Via que era necessário e urgente transformar o mundo, mudar o mundo para que ele fosse de todos, para nos sentirmos todos vivendo melhor nele, dele e com ele. Mas, seria possível?

Perguntei então para a uma companheira do IPF, Ângela Antunes, que estava caminhando comigo: “Você acha possível mudar o mundo?” Ela me respondeu: “Só consigo viver acreditando nisso!” Se a vida pode ter um sentido pleno é para isso que ela serve: para deixar o mundo um pouco melhor do que o encontramos. Então, respondendo a sua pergunta, minha maior aspiração como educador tem sido “mudar o mundo”, se possível, mudar o mundo sem tomar o poder. Porque tenho certeza que, tomando o poder, não conseguiremos transformar o mundo.

**Marcia Moraes** – *Lembro do dia em que compartilhamos um almoço especial em homenagem a Paulo Freire, em 1991, na UCLA, onde também estavam Donald Macedo, Concepción Valadez, dentre outras pessoas quando, pela primeira vez, celebramos, quase “oficialmente”, a criação do Instituto Paulo Freire, que deveria ser situado em São Paulo e que teria como uma das funções tornar-se um centro promulgador do trabalho de Freire. Sendo um dos fundadores e diretor do Instituto Paulo Freire, quais projetos dessa organização você considera os mais importantes ?*

**Moacir Gadotti** - O Instituto Paulo Freire é uma das grandes novidades da última década do século passado. Com pouco mais de 10 anos ele já se constitui hoje numa rede de centenas de instituições e de milhares de pessoas espalhadas por mais de 50 países. A comunidade freiriana no mundo tem se expandido, continuando e reinventando a obra desse extraordinário educador. Creio que o centro da obra de Paulo Freire é a crença de que é possível mudar o mundo. Veja-se o primeiro artigo que publicou na Revista *Paz e Terra*, em 1967, sobre “educação e humanização”. Em síntese, sua preocupação fundamental era mudar o mundo através da educação, da educação política, libertadora. Só uma educação política pode ser emancipadora. Por defender essa tese, a direita o expulsou do país e a esquerda o chamou de “ingênuo”, dizendo que primeiro precisávamos conquistar o poder de Estado, dominar o poder econômico e só depois fazer a reforma educacional. A educação não poderia mudar a sociedade que a mantém. A educação seria essencialmente reprodutora da sociedade. Paulo Freire fez uma aposta contrária. Ele rejeitou a tese da estadolatria. Reafirmou o otimismo na educação. A luta de classes reservaria uma terra prometida para todos os trabalhadores. Doce ilusão. Não existe nenhuma terra prometida no fim deste caminho. Existe, sim, luta e esperança.

**Márcia Moraes** – *Em seu livro Um legado de esperança, você faz referência especial à filosofia de Paulo Freire como um “porto de esperança” e aponta que o legado de Paulo Freire pertence às pessoas que dele precisam. Para você, qual é a maior lição que Paulo Freire deixou especialmente aos educadores e educadoras que defendem uma visão progressista-crítica na educação?*

**Moacir Gadotti** – “Luta e esperança”: esse é o legado de Paulo Freire que o Instituto está levando a frente em todos os seus projetos no campo da educação de

jovens e de adultos, no campo da educação cidadã, último sonho de Paulo Freire, no campo da ecopedagogia e da educação para a justiça e a sustentabilidade.

Linda Bimbi, no belo prefácio da edição italiana da *Pedagogia do Oprimido*, afirma, com razão, que Paulo Freire é “inclassificável”. Passados mais de 30 anos, depois de tantos trabalhos publicados por ele e sobre ele, a afirmação ainda continua válida. Estamos diante de um autor que não se submeteu a correntes e tendências pedagógicas e criou um pensamento vivo, orientado apenas pelo ponto de vista do oprimido. Essa é a ótica básica de sua obra, a qual foi fiel a vida toda: a perspectiva do oprimido. Ela está estampada na dedicatória do seu livro mais importante, *Pedagogia do Oprimido*: “Aos esfarrapados do mundo e aos que neles se descobrem e, assim descobrindo-se, com eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam”. Creio que o legado de Paulo Freire está nessa dedicatória.

**Márcia Moraes** – *“Pedagogia do oprimido” foi escrito no Chile em 1968. A pergunta que podemos fazer hoje é a seguinte: esse ponto de vista é ainda válido? Caso não seja válido, já não haveria mais porque continuar lendo Paulo Freire. Ou melhor, Paulo Freire seria um autor já superado, porque sua luta pelo oprimido estaria superada. Ele passaria para a história como um grande educador, mas que não teria mais nada a dizer para o nosso tempo. O que você tem a dizer sobre isso?*

**Moacir Gadotti** - Creio que a sua pedagogia continua válida não só porque ainda há opressão no mundo, mas porque ela responde a necessidades fundamentais da educação de hoje. A escola e os sistemas educacionais encontram-se hoje frente a novos e grandes desafios diante da generalização da informação na sociedade que é chamada, por muitos, de “sociedade do conhecimento”, impropriamente pois a produção do conhecimento ainda é limitado a poucos. As cidades estão se tornando educadoras e aprendentes, multiplicando seus espaços de formação. A escola, nesse novo contexto de impregnação da informação (não do conhecimento), não pode ser mais um espaço, entre outros, de formação. Precisa ser um espaço organizador dos múltiplos espaços de formação, exercendo uma função mais formativa e menos informativa. Precisa tornar-se um “círculo de cultura”, como dizia Paulo Freire, muito mais gestora do conhecimento social do que lecionadora.

Nesse contexto, o pensamento de Paulo Freire é mais atual do que nunca, pois, em toda a sua obra ele insistiu nas metodologias, nas formas de aprender e ensinar, nos métodos de ensino e pesquisa, nas relações pessoais, enfim, no diálogo. Devemos continuar estudando a sua obra, não para venerá-lo como a um totem ou a um santo, nem para ser seguido como a um guru, mas para ser lido como um dos maiores educadores críticos do século XX. Honrar um autor é sobretudo estudá-lo e revê-lo criticamente, retomar seus temas, seus problemas, seus questionamentos.

**Márcia Moraes** – *Pode-se dizer, então, que o pensamento e a práxis de Paulo Freire sempre foram coerentes com o seu próprio legado, o compromisso com o oprimido?*

**Moacir Gadotti** – Não há dúvida nenhuma quanto a isso. E mais: existe uma continuidade em toda a sua obra que facilmente pode ser constatada. Paulo retomava com frequência os mesmos temas, permanecendo fiel à suas análises, desdobrando-as e repensando-as. Há algo que permanece constante no pensamento dele: a sua preocupação ética, seu compromisso com os “condenados da Terra” (*Pedagogia do oprimido*), com os “excluídos” (*Pedagogia da Autonomia*). Seu ponto de vista foi sempre o mesmo. O que há de diferente é a ênfase em certas problemáticas que, estas sim, vão se diversificando e evoluindo. Paulo Freire “retoma” certos temas, como em *Pedagogia da esperança*, “retoma” a sua *Pedagogia do oprimido*. Em sua *Pedagogia da autonomia* ele afirma textualmente que retoma certos problemas, mas não como

“pura repetição do que já foi dito”. “No meu caso pessoal”, diz ele nas páginas 14 e 15 desse livro, “retomar um assunto ou tema tem que ver principalmente com a marca oral de minha escrita. Mas tem que ver também com a relevância que o tema de que falo e a que volto tem no conjunto de objetos a que direciono minha curiosidade. Tem a ver também com a relação que certa matéria tem com outras que vêm emergindo no desenvolvimento de minha reflexão”.

**Márcia Moraes** – *Será que poderíamos, então, concluir que Paulo Freire escreveu um só livro?*

**Moacir Gadotti** - Há certamente na obra de Paulo Freire um retorno e um desenvolvimento em espiral de uma grande polifonia de temas geradores orientados pela escolha de um ponto de vista emancipador da ciência, da cultura, da educação, da comunicação etc. Por isso pode-se concluir, sim, que a obra de Paulo Freire gira em torno de um único objeto de pesquisa. Este objeto estaria já no seu primeiro livro *Educação e atualidade brasileira* e que foi consagrado definitivamente na sua *Pedagogia do oprimido*: a educação como instrumento de libertação. Podemos dizer que Paulo Freire escreveu um só livro e o reescreveu durante toda a sua vida refletindo criticamente sobre sua própria prática.

**Márcia Moraes** - *Por que devemos continuar lendo Freire?*

**Moacir Gadotti** - Alguns certamente gostariam de deixá-lo para trás na história das idéias pedagógicas e outros gostariam de esquecê-lo, por causa de suas opções políticas. Ele não queria agradar a todos. Mas havia uma unanimidade em todos os seus leitores e todos os que o conhecerem de perto: o respeito à pessoa. Paulo sempre foi uma pessoa cordial, muito respeitosa. Podia discordar das idéias, mas respeitava a pessoa, mostrando um elevado grau de civilização. E mais: sua prática do diálogo o levava a respeitar também o pensamento daqueles e daquelas que não concordavam com ele. Definiu-se, certa vez, como um “menino conectivo”.

A pedagogia do diálogo que praticava fundamenta-se numa filosofia pluralista. O pluralismo não significa ecletismo ou posições “adocicadas”, como ele costumava dizer. Significa ter um ponto de vista e, a partir dele, dialogar com os demais. É o que mantinha a coerência da sua prática e da sua teoria. Paulo era acima de tudo um humanista. Seria a única forma de “classificá-lo” hoje. Não há dúvida de que Paulo Freire foi um grande humanista.

**Márcia Moraes** - *No seu livro **Escola cidadã: uma aula sobre autonomia da escola**, você argumenta que o conceito de autonomia conduz diretamente ao conceito de cidadania e que autônomo não é o indivíduo isolado, mas o sujeito ativo, o sujeito da praxis. Desde quando publicou este livro pela primeira vez, você percebe alguma modificação no sentido da sociedade movimentar-se para garantir a autonomia individual e social? Há alguma relação entre o movimento da “Escola Cidadã” e o movimento atual das “Cidades Educadoras”?*

**Moacir Gadotti** - A relação entre “escola cidadã” e “cidade educadora” encontra-se na própria origem etimológica das palavras “cidade” e “cidadão”. Ambas derivam da mesma palavra latina “*civis*”, cidadão, membro livre de uma cidade a que pertence por origem ou adoção, portanto sujeito de um lugar, aquele que se apropriou de um espaço, de um lugar. Assim, **cidade** (*civitas*) é uma comunidade política cujos membros, os cidadãos, se auto-governam e **cidadão** é a pessoa que goza do direito de cidade. “Cidade”, “cidadão”, “cidadania” referem-se a uma certa concepção da vida das pessoas, daquelas que vivem de forma “civilizada” (de *civilitas*, afabilidade, bondade, cortesia), participando de um mesmo território, autogovernando-se, construindo uma “civilização”. É claro que, em Roma, esse conceito de sujeito da cidade era limitado apenas a poucos homens livres, cuja cultura era o reflexo do ócio e não do trabalho. O

trabalho era reservado aos numerosos escravos. Esses eram sujeitos “sujeitados”, submetidos e, portanto, não eram considerados cidadãos, não tinham os direitos de cidadania, não eram considerados civilizados, mas estrangeiros, bárbaros, não podendo usufruir dos benefícios da civilização.

A idéia e o projeto de uma **Escola Cidadã** nasceram, no Brasil, no final da década de 80 e início da década de 90, fortemente enraizados no movimento de educação popular e comunitária que na década de 80 se traduziu pela expressão “escola pública popular” (Paulo Freire). Designa-se comumente por “Escola Cidadã” uma certa concepção e uma certa prática da educação “para e pela cidadania”, que, sob diferentes denominações, são realizadas, em diversas regiões do país, principalmente em municipalidades onde o poder local foi assumido por partidos do chamado campo democrático-popular. Um dos projetos pioneiros de “Escola Cidadã” e que continua até hoje, é o de Porto Alegre (RS). Em Porto Alegre, desde a primeira gestão democrática-popular iniciada em 1993, a *Escola Cidadã* compreende, principalmente, o planejamento participativo, a autonomia da escola como estratégia da qualidade de ensino e a construção da cidadania como prática pedagógica.

**Márcia Moraes** – *Paulo Freire tem alguma relação com o projeto da Escola Cidadã?*

**Moacir Gadotti** - A maior ambição da Escola Cidadã é contribuir na criação das condições para o surgimento de uma **nova cidadania**, como espaço de organização da sociedade para a defesa de direitos e a conquista de novos. Trata-se de formar para a gestação de um novo espaço público não-estatal, uma “esfera pública cidadã” (Jürgen Habermas), que leve a sociedade a ter voz ativa na formulação das políticas públicas, visando a uma mudança do Estado que temos para um Estado radicalmente democrático. Foi justamente Paulo Freire quem melhor definiu uma educação para e pela cidadania quando, nos *Arquivos Paulo Freire*, em São Paulo, dia 19 de março de 1997, numa entrevista à TV Educativa do Rio de Janeiro, falou de sua concepção da “escola cidadã”: “A Escola Cidadã é aquela que se assume como um centro de direitos e de deveres. O que a caracteriza é a formação para a cidadania. A Escola Cidadã, então, é a escola que viabiliza a cidadania de quem está nela e de quem vem a ela. Ela não pode ser uma escola cidadã em si e para si. Ela é cidadã na medida mesma em que se exercita na construção da cidadania de quem usa o seu espaço. A Escola Cidadã é uma escola coerente com a liberdade. É coerente com o seu discurso formador, libertador. É toda escola que, brigando para ser ela mesma, luta para que os educandos-educadores também sejam eles mesmos. E como ninguém pode ser só, a Escola Cidadã é uma **escola de comunidade, de companheirismo**. É uma escola de produção comum do saber e da liberdade. É uma escola que vive a experiência tensa da democracia”. Paulo Freire associava **cidadania** e **autonomia**. No seu último livro, *Pedagogia da autonomia*, lançado em abril de 1997, três semanas antes de seu falecimento, ele afirma que “o respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros” (p. 66).

**Márcia Moraes** – *E a Cidade Educadora?*

**Moacir Gadotti** - A cidade dispõe de inúmeras possibilidades educadoras. A vivência na cidade se constitui num espaço cultural de aprendizagem permanente por si só. Mas a cidade pode ser “intencionalmente” educadora. Uma cidade pode ser considerada como uma Cidade Educadora, quando, além de suas funções tradicionais – econômica, social, política e de prestação de serviços – ela exerce uma *nova função* cujo objetivo é a formação para e pela cidadania. Para uma cidade ser considerada educadora ela precisa promover e desenvolver o *protagonismo* de todos – crianças, jovens, adultos,

idosos – na busca de um novo direito, o direito à cidade educadora. Tem tudo a ver com o projeto da Escola Cidadã.

**Márcia Moraes** – *Uma última pergunta: dentre as variadas necessidades dos/das docentes no exercício profissional, qual delas você acredita ser crucial?*

**Moacir Gadotti** – Minha carreira de professor foi marcada por um encontro, o encontro com Paulo Freire, em Genebra, em 1974. Creio que é um privilégio encontrar um mestre, um professor. Com ele aprendi muitas lições. A principal foi a de me mostrar a “boniteza de ser gente”, a boniteza de ser professor. A beleza existe em todo lugar. Depende do nosso olhar, da nossa sensibilidade, depende da nossa consciência, do nosso trabalho e do nosso cuidado. A beleza existe porque o ser humano é capaz de sonhar. Feliz do professor que encontrou um mestre. Feliz da pessoa que encontrou alguém que lhe mostrou a beleza de sonhar. O sonho do professor é ensinar e aprender com sentido. Na nossa profissão, sonho e sentido querem dizer a mesma coisa. Sentido quer dizer caminho não percorrido mas que se deseja percorrer. Portanto, significa projeto, sonho, utopia. Aprender e ensinar com sentido é aprender e ensinar com um sonho na mente.

“Por que sou professor?” Eis uma pergunta que tenho ouvido com frequência nesses 43 anos de magistério. Talvez esteja aqui a chave para entender a crise que vivemos: perdemos o sentido do que fazemos. Ensinar vem de do latim “insignare”, que significa “marcar com um sinal”, indicar um caminho, um sentido. Somos essencialmente profissionais do sentido. Educamos quando ensinamos com sentido. Educar é impregnar de sentido a vida. A profissão docente está centrada na vida, no bem viver. Muitas crianças e jovens chegam hoje à escola, muitas vezes, sem saber porque estão aí. Não vêem sentido no que estão aprendendo. Querem saber, mas não querem aprender o que lhes é ensinado. E aí entra o papel do professor: construir sentido, transformar o obrigatório em prazeroso, selecionar criticamente o que devemos aprender, numa era de impregnação de informações. Esse profissional transforma informação em conhecimento. Conhecimento é a informação que faz sentido para quem aprende.

E você me pergunta: “dentre as variadas necessidades dos/das docentes no exercício profissional, qual delas você acredita ser crucial?” E eu responderia: ser professor hoje, não é nem mais difícil nem mais fácil do que era há algumas décadas atrás. É diferente. Diante da velocidade com que a informação se desloca, envelhece e morre, diante de um mundo em constante mudança, seu papel vem mudando, senão na essencial tarefa de educar, pelo menos na tarefa de ensinar, de conduzir a aprendizagem e na sua própria formação que se tornou permanente. Ser professor hoje é viver intensamente o seu tempo, com consciência e sensibilidade. Não se pode imaginar um futuro para a humanidade sem professores. Eles não só transformam a informação em conhecimento e em consciência crítica, mas também formam pessoas. Eles fazem fluir o saber, porque constroem sentido para a vida das pessoas e para a humanidade e buscam, numa visão emancipadora, um mundo mais justo, mais produtivo e mais saudável para todos. Por isso eles são imprescindíveis.